Octógono
Cadernos de polissemia artística
Número 13
Março de 2025
ISSN: 2976-0402
Autoria e edição: Paulo Martins Oliveira
https://octogono-cpa.blogspot.com/

Os espelhos de Nuno Álvares Pereira

Paulo Martins Oliveira

> Num dos seus romances, Umberto Eco descreve o leito de morte do cronista medieval Otão, cujo discípulo é convocado para ouvir as derradeiras orientações do mestre moribundo...
>
> "Otão primeiro chamou à sua cabeceira Rahewino, para lhe confiar a continuação das gestas de Frederico, dizendo-lhe que era fácil: que contasse os factos e pusesse na boca do imperador os discursos extraídos dos textos dos antigos"[1].

O reflexo das virtudes

Olhando a produção cultural dos séculos volvidos, nas artes plásticas como na literatura e até na música dominava o princípio da assimilação, pelo qual se mesclou a factualidade com analogias que procuravam demonstrar (e amplificar) as virtudes de certas figuras e os defeitos de outras[2].

Ou seja, personagens verdadeiros movem-se e acabam emoldurados em contextos alegóricos, levando a que muitas vezes, para o pensamento da época, interessasse sobretudo extrair uma lógica moral que servisse de modelo para compreender determinada situação e educar as novas gerações.

Construiam-se portanto "espelhos de príncipes", i.e. desafios que visavam estimular a inteligência e o bom-senso dos futuros governantes, não raramente confrontando-os com versões aperfeiçoadas dos próprios (≈ arquétipo neoplatónico, ao qual se deveriam aproximar).

Um bom exemplo encontra-se no palácio florentino dos Médicis, em concreto na respectiva capela, onde um conjunto de pinturas murais realçava ensinamentos basilares a transmitir aos vindouros.

1 Umberto ECO, *Baudolino*, cap.5, Difel, 2002, p.56.
2 No caso da música cf. a mensagem subjacente à popularizada *Marche en rondeau – Te Deum H.146* (*Octógono* n.7 / Setembro de 2024 – "Charpentier e o retrato melódico do Rei-Total".

Numa dessas composições, e entre a faustosa corte em peregrinação, o jovem herdeiro Lourenço (que viria a ter o cognome de *o Magnífico*) assiste a uma versão modelar de si próprio – um Príncipe Perfeito – igualmente inspirador para todos os futuros Médicis um dia destinados a governar[3].

Benozzo Gozzoli, *Cortejo dos Reis Magos*, 1459, Palácio Médici-Riccardi, Florença (foto: wikimedia.org).

(Det.) à direita o então juvenil Lourenço de Médicis (foto: wikimedia.org/Sailko).

(Det.) versão idealizada e modelar de Lourenço enquanto protótipo do Príncipe Perfeito (foto: wikimedia.org).

3 Sobre a identificação dos personagens nesta parte da pintura, cf. Franco CARDINI, *The Chapel of the Magi in Palazzo Medici*, Ed. Mandragora, Florença, 2001, p.44. Relativamente ao contraponto entre personagens verdadeiros e versões idealizadas de si mesmas, v. por exemplo o exercício de Rembrandt na *Ronda da Noite* (cf. *Rembrandt and the Commissioners*, 2014 [*online*]. Por seu turno, a estadia em Florença do príncipe D. João (futuro II de Portugal) poderá ter contribuído para o cognome de Príncipe Perfeito, tendo Lourenço na altura encomendado a Leonardo da Vinci uma tapeçaria para oferecer ao hóspede luso (Carlo VECCE, *Leonardo da Vinci*, Ed. Verbo, Lisboa, 2005, p.55).

Com um simbolismo denso, a representação florentina inclusivamente celebra determinada postura de um cavaleiro nobre, sendo aqui de relacionar com a tradição literária medieval, que fazia embeber uma dimensão moralizante mesmo em livros técnicos.

Exemplo disso é a lógica de escrita do rei D. Duarte de Portugal, o qual no século XV havia composto o *Livro da Ensinança de bem cavalgar toda a sela*. Constituindo de facto um tratado de equitação, quando se lê a obra ressalta todavia um subtexto pedagógico relativo à arte de bem governar, em que o cavalo assume um valor alegórico (antecipando nas letras o que Machado de Castro figuraria séculos depois na Praça do poder e da autoridade).

Entre múltiplas passagens sugestivas, tomem-se como paradigmáticos os "xvi avysamentos" ao bom cavalgador, pelos quais "se tenha fortemente na besta em todallas cousas que ella fazer e lhe possam acontecer".

Resumindo os conselhos, que o cavaleiro nunca denote receio, antes demonstre uma confiante segurança no rosto e no corpo; que tenha capacidade de previsão, adaptação e reacção à "besta"; que apenas utilize as esporas e a vara quando efectivamente necessário; que segure com firmeza "a todos freos e bocas de bestas em todo tempo"; que se previne e cuide de evitar quedas; que saiba como atravessar diversos tipos de terreno; "que seja fermoso em toda sella, e maneira de cavalgar", que seja paciente e capaz de economizar esforços, a si e ao animal; "que saiba bem conhecer as bocas das bestas, e mandarlhes fazer os freos de todas as maneiras segundo comprir"; enfim, que estude bem as regras em vigor, sempre com vontade de aprender mais e de fazer melhor[4].

Se mais tarde Maquiavel aconselharia no *Príncipe* a que se aproveitassem as caçadas e saídas a cavalo para conjecturar situações de combate (cap.XIV), o rei português demonstrara uma perspectiva mais ampla da equitação.

Efectivamente, o *Livro da Ensinança* (≈ virtudes cardeais) fazia em todos os sentidos par com o *Leal Conselheiro* (≈ virtudes teologais), advogando D. Duarte, na prática, que os "espelhos de príncipes" eram úteis a todos aqueles que tivessem de dirigir uma Casa, fosse um reino, uma circunscrição eclesiástica, um domínio aristocrático, uma hoste militar, um negócio, uma família...

Procurando ser o melhor reflexo de Cristo na Terra, um monarca deveria por sua vez constituir-se como um modelo para todos os súbditos que detivessem algum tipo de mando ou autoridade. E neste contexto poucos em Portugal se terão aproximado dos ideais régio-cristológicos como o cavaleiro Nuno Álvares Pereira, ao ponto de este ganhar um estatuto próximo de um rei-santo, considerado por Fernão Lopes como um genuíno "espelho de príncipes".

4 D. DUARTE, *Leal Conselheiro e Livro da Ensinança de bem cavalgar toda sella*, ed.1842, pp.512-513

O segundo braço

Leitor dos romances arturianos e aí inspirado pelo virtuoso Galahad (Galaaz)[5], Nun'Álvares encarna os valores medievais da Cavalaria Espiritual, pelos quais se fundara um País que, apoiado por Templários, pelos Cistercienses e pela Santa Sé, deveria constituir um exemplo no mundo cristão.

Na crise de 1383-85, Nuno Álvares Pereira distinguiu-se enquanto força motriz da corrente soberanista, ao ponto de repartir o protagonismo com D. João, Mestre de Avis e novo rei.

Como refere Teresa Amado, a capacidade de liderança demonstrada pelo Condestável tornou-o num "verdadeiro duplo" de D. João I, tendo Fernão Lopes celebrado Nun'Álvares através de uma "composição narrativa e psicológica cuja concepção e minuciosa execução não têm seguramente paralelo na nossa historiografia"[6].

São múltiplas as referências do Cronista ao excepcional papel desempenhado pelo Condestável, inclusivamente como "segundo braço" na defesa do reino[7], num dualismo que terá ultrapassado fronteiras, ficando inscrita na mais célebre iluminura representando a decisiva batalha de Aljubarrota.

Batalha de Aljubarrota, Jean d'Wavrin, *Chronique d'Angleterre* (foto: wikimedia.org).

5 Fernão Lopes, *Chronica de el-Rei D. João I*, Parte I, cap.XXXV. Cf. igualmente *D. Nuno Álvares Pereira – Crónica do Condestável de Portugal* (*Coronica do Condestabre*), cap.IIII [IV], Ed. QuidNovi e APH, Matosinhos, 2011, p.12.

6 Teresa Amado, "O Sentido da História / Fernão Lopes Contador de História – sobre a Crónica de D. João I" (1997), republicado in *História e Antologia da Literatura Portuguesa, século XV, Fernão Lopes (I)*, FCG, Lisboa, 1998, p.75.

7 Fernão Lopes, *Chronica de el-Rei D. João I*, Parte I, cap.CLXXXXIII [CXCIII].

Verificando a imagem, no lado do invasor numeroso percebe-se de imediato quem é o monarca, ao passo que na parte lusa sugerem-se dois reis, inclusivamente através de um hábil exercício de justaposição dos cavalos, como que projectando os panos régios de um para o outro, sendo que a cor escura do cavalo real e a placa na sua cabeça (testeira equestre) contribuem para o "apagamento" deste animal, realçando o que está acima, utilizado por Nuno Álvares Pereira.

Batalha de Aljubarrota (dets.).

Na mesma lógica, a lança ou acha do Condestável é aqui interrompida pela cercadura da imagem, insinuando um ceptro ou bastão de comando, enquanto a outra mão desenha um subtil e majestoso gesto de autoridade. A iluminura expressa portanto quer a sábia liderança do general, quer a intrépida coragem do rei em combate, ambos cooperando para o triunfo.

Em contraste, e por coincidência ou não, note-se que o faustoso rei invasor é "mordido" na perna pelo próprio leão heráldico (≈ Lc.11:18)[8], enquanto o seu cavalo pisa com desprezo um vassalo em adoração idólatra. Talvez se ironize quanto a uma noção ultra-aristocrática do poder, ao invés do monarca português, que se apeou para constituir um exemplo para os seus soldados (veja-se a postura mimética do guerreiro imediatamente acima do rei-espelho)[9].

8 Sobre o modo como o mal se vira contra si mesmo v. *Octógono* n.1 / Março de 2024 – "O S. Sebastião de Gregório Lopes", p.5.

9 No lado castelhano, um soldado "atinge" inadvertidamente um cavaleiro atrás de si, porventura em sinal de má liderança e exemplo. Sobre um exercício similar já do século XVII, cf. *The Dutch Company*, 2013 [*online*].

Galahad e S. Jorge

Na famosa iluminura são bem diferentes os dois reis, aliás tal como na *Crónica* de Fernão Lopes, confrontando-se de um lado D. João I de Portugal, rei-cristológico leal ao papa de Roma e aliado dos Ingleses, e do outro D. João I de Castela – o invasor estrangeiro associável ao anti-cristo, inclusivamente por estar conjurado com o anti-papa de Avinhão e com o rei de França.

De notar que também Nun'Álvares enfrentaria a sua contraparte negativa e coligada, no caso dois irmãos que aderiram à hoste inimiga (Pedro e Diogo Álvares), intensificando o drama psicológico relativo ao Condestável, mas também sublinhando a sua inquebrável fidelidade ao catolicismo romano, à causa nacional, ao novo rei e à respectiva Dinastia de Avis.

Neste cenário totalmente polarizado, os cismáticos Castelhanos (e Franceses) eram equiparáveis à serpente demoníaca e enganadora que nos primeiros tempos fizera desencaminhar a Humanidade.

E se os invasores abusavam do nome e da protecção de Santiago, os Portugueses em contrapartida elegeram S. Jorge como seu comandante celestial, muito provavelmente por influência inglesa, mas também, porventura, em resultado de alguma sugestão do próprio Nun'Álvares, uma vez que o santo assemelha-se em muitos aspectos a Galahad – ambos espelhos do Condestável.

Reflexo dessa identificação, na *Crónica* especificamente dedicada a Nuno Alvares Pereira relata-se como, chegando a Tomar, o Condestável "mandou três escudeiros: ũu que fosse dizer a el rei de Castela que ele lhe mandava dizer e requerer da parte de Deos e do márter sam Jorge que ele se fosse embora e desocupasse a terra del rei seu senhor e nom querendo fazer que o desafiava pera batalha"[10].

S. Jorge fora um santo-militar que derrotara um terrível e demoníaco dragão, conotável à serpente do Génesis (entenda-se aqui, o invasor cismático)[11].

Com a vitória decisiva dos Portugueses e a consolidação da nova Dinastia, tornavam-se ainda mais nítidas as associações entre o fiel Nun'Álvares e S. Jorge – o qual resgatara ao dragão uma virginal princesa, devolvendo-a em segurança ao angustiado pai régio (princesa ≈ Sta. Maria/Igreja/Nação, entregue à figura paternal do monarca, primeiro guardião da Fé e do Reino).

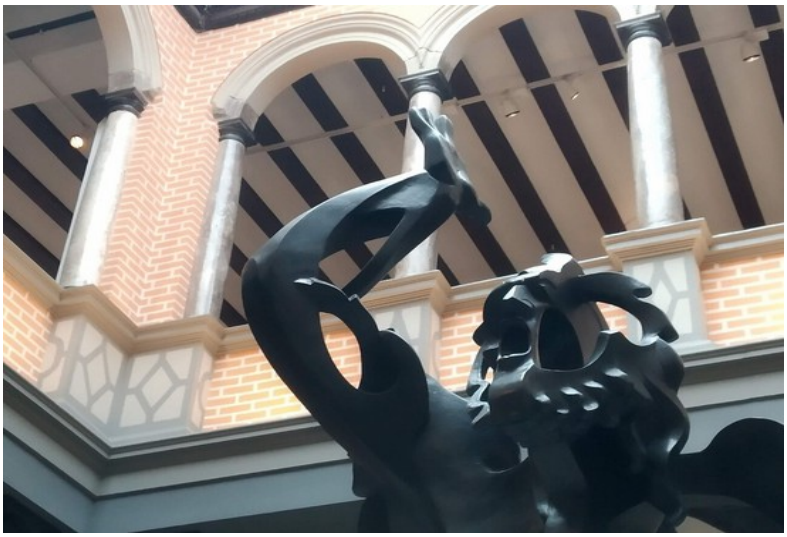
Segundo o incontornável hagiógrafo medieval Tiago de Voragine, S. Jorge destacara-se pela seriedade, dedicação, castidade e combatividade, mas também pela difusão do Cristianismo, pois quando venceu o dragão, aproveitou para converter a população que andava oprimida, e que ainda seguia cultos pagãos.

10 *D. Nuno Álvares Pereira – Crónica do Condestável de Portugal* (*Coronica do Condestabre*), cap.LI, Ed. QuidNovi e APH, Matosinhos, 2011, p.136.

11 Posta heraldicamente aprisionada na Coroa Real Portuguesa, a serpe alada (serpente +dragão) também representaria a partir de 1415 os Mouros e a nova fase da progressão Cristã. Tendo a dita criatura conhecido algumas variações figurativas, com o tempo predominaria a imagem tradicional do dragão.

Voragine acrescentava que o próprio nome do santo também significava "conselheiro", sendo portanto ainda associável um leal guia e mentor[12].

Tudo isto convergia na figura e reputação do grande Condestável, inclusivamente enquanto arauto e missionário em nome do rei, de tal modo persuasivo que D. João I o enviara a pregar o "Evangelho Português", nas palavras de Fernão Lopes[13]. Muito mais tarde Camões evocaria o carisma místico de Nun'Álvares, como que um profeta convicto, "ameaçando a terra, o mar e o mundo" (*Lus*.IV:14).



Pablo Gargallo, *O Profeta*, det.
(foto: wikimedia.org/Marariya).
Nesta criação do século XX, o artista espanhol condensou a expressiva força e autoridade leonina dos grandes guias inspirados pelo Divino.

Se o século XIII testemunhara o invencível poder argumentativo de Sto. António – o "martelo da heresia" – agora na crise sucessória de 1383-85 tinha-se destacado Nuno Álvares Pereira, cuja espada era uma arma militar, mas igualmente metafórica.

Em certa dimensão, o herói de Aljubarrota lembrava de facto um dos vigorosos e mobilizadores profetas bíblicos, vários deles conselheiros e guias dos antigos reis. Verdadeira força da natureza, e à semelhança dessas incansáveis figuras, o Condestável parece estar em todo o lado e quase ao mesmo tempo. A *Crónica* medieval que lhe foi dedicada seria dada ao prelo por iniciativa da Academia Portuguesa de História, onde uma introdução de António Machado de Faria elenca o itinerário de Nuno Álvares Pereira. Fatigando só de seguir, ainda se faz notar que essa lista é necessariamente incompleta e apenas relativa aos serviços prestados directamente a D. João I.

12 Tiago de VORAGINE, *La Leyenda Dorada*, vol.I, Alianza Editorial, Madrid, 1999, pp.248-250. Acrescenta ainda que o dragão era altamente pestífero, e como na iluminura acima referida o rei de Castela é mordido pelo próprio leão, isso reforça a ideia de justiça divina e o modo como o mal se volta contra si mesmo, atendendo aos problemas epidémicos que atingiram o rei e seu exército nas expedições em Portugal.

13 Fernão LOPES, *Chronica de el-Rei D. João I*, Parte I, cap.CLIX.

Como no Antigo Testamento, uma tal figura teria obviamente de estar envolta em polémicas e intrigas cortesãs, como se explicita na dita *Crónica*: "E, por prazer a Deos e por se o mestre [de Avis, D. João I] achar bem conselhado de Nun'Álverez, prasia-lhe de seu conselho e falava com ele muitas cousas; em especial e amiúde seguia em elas seu conselho. E desto pesava muito aos outros […]. E haviam grande despeito de Nun'Álverez e com grande enveja falavam todos em segredo e juraram que sempre fossem contra os conselhos de que Nun'Álverez desse"[14].

Impondo-se nas batalhas e recontros, o Condestável também se mantinha firme nos bastidores, e na qualidade de conselheiro elegia enquanto modelo o profeta Elias, considerado na Bíblia como o antigo equivalente e prenunciador de João Baptista (e.g. Mt.11:14, 17:10-13).

O líder do Carmo

Segundo o Antigo Testamento, Elias era de Galaad[15], tornando-se aqui evidentes as ressonâncias com o herói arturiano. Conselheiro do hesitante rei israelita Acab (característica aliás atribuída ao próprio Mestre de Avis), o decidido Elias congregou vontades no alto do monte Carmelo (Carmo), para onde tinham sido convocadas as desavindas tribos judaicas, algumas delas seduzidas pelo deus estrangeiro Baal.

Com a ajuda divina e o auxílio popular, Elias enfrentou aí os numerosos idolatras e liquidou os seus profetas, tornando-se num sacerdote-guerreiro (IIIRs[2Rs].18:20-40).

Por sua vez, Fernão Lopes relata como, regressando um dia a Aljubarrota, o Condestável "foi ao campo onde fora a batalha, e mandou hi edificar uma igreja á honra de Santa Maria e de São Jorge, em aquelle lugar onde estivera a sua bandeira [n]o dia d'aquela victoria; des-ahi mandou fazer [também] o mosteiro de Santa Maria do Carmo dentro na cidade de Lisboa"[16].

Esta passagem denota as principais referências do Condestável. Desde logo, era ele o grande cavaleiro arturiano transfigurado em S. Jorge[17], que derrotara o "dragão" e resgatara a Dama, i.e. Santa Maria – a vera e pura Igreja[18], por sua vez associada a Portugal.

14 *D. Nuno Álvares Pereira – Crónica do Condestável de Portugal* (*Coronica do Condestabre*), cap.XX, Ed. QuidNovi e APH, Matosinhos, 2011, p.57.

15 IIIRs[2Rs].17:1; segue-se aqui a *Vulgata Latina*, na edição traduzida pelo padre António Pereira de Figueiredo (1842), reimpressa em 1963 (Depósito das Escrituras Sagradas, Lisboa). Também na versão em latim e no mesmo versículo se utiliza igual topónimo ("*Et dixit Elias Thesbites de habitatoribus Galaad...*" – *Biblia sacra vulgata editionis Sixti VPM*, 1598.

16 Fernão LOPES, *Chronica de el-Rei D. João I*, Parte II, cap.CLXXXVIII.

17 Associável a S. Jorge, talvez o cavaleiro Galahad deva o seu nome à terra natal de Elias, estando assim também conotado a esta virtuosa figura bíblica.

18 Sobre a associação entre a Virgem Maria e uma Igreja idealmente pura, cf. *Octógono* n.3 / Maio de 2024 – "Jorge Afonso e a Aparição de Cristo à Virgem", pp.34-35, 41.

Sendo comum as igrejas e capelas terem uma dedicação mariana, o Cronista parece realçar a homenagem dupla no templo-memorial de Aljubarrota (hoje conhecido apenas como de S. Jorge). Conforme também citado, Nun'Álvares decidiu ainda que, em Lisboa, se erguesse uma casa religiosa evocativa de Santa Maria do Carmo, ou seja, com uma implícita homenagem dupla, pois das antigas Escrituras o Condestável elegeu Elias como espelho e associou-o ao Novo Testamento, enquanto referência espiritual-cruzadística (sempre na lógica da Dama e do libertador)[19].

Nestas conexões nota-se uma subtil mas assertiva estratégia política, demonstrando o quanto será errada uma perspectiva "desintectualizante" ou condescendente sobre esses personagens medievos, os quais na verdade sabiam exactamente como favorecer e densificar certas narrativas alegóricas.

Deste modo, e como acima referido, Elias era o antigo precursor de João Baptista (o anunciador directo de Jesus Cristo, do qual era até familiar). Sendo inevitáveis e de regra as conotações onomásticas (no caso entre João Baptista e D. João I), Nun'Álvares insinuava através de Elias uma autoridade que, embora subsidiária, era também mística e directamente associada à Coroa. Tal seria reforçado pelo casamento da única filha do Condestável com um dos filhos de D. João I.

Daqui nasceria o excepcionalmente poderoso Ducado de Bragança, que desde logo se constituiu na principal alternativa aos primos de Avis, caso esta Dinastia viesse a extinguir-se[20]. A nova Casa assentava o seu prestígio na dupla origem em D. João I e Nun'Álvares (≈ João Baptista e Elias), numa retórica que, mais tarde, irá favorecer os Bragança aquando da Restauração da Independência em 1640 (≈ crise de 1383-85).

A partir de então, com a Dinastia de Bragança finalmente no trono, os respectivos monarcas deveriam reunir e encarnar os exemplos da dupla origem, o que será codificado por D. João V no Real Edifício de Mafra. Aqui, o rei tem o seu patronímico João Baptista figurado imediatamente ao lado da capela-mor, e em posição simétrica à estátua de Elias, na primeira capela à entrada do Templo (lado da Epístola).

O acesso à própria basílica é realizado por um monumental escadório, no qual se encontram os "rastos" do carro triunfal e flamejante que levou Elias directamente para junto de Deus, conferindo ao profeta um estatuto angélico-guerreiro, ele que no alto do monte Carmo/Carmelo havia defendido a verdadeira Fé e eliminado os infiéis[21].

19 Embora talvez por coincidência, igualmente a tradicional referência urbanística "Carmo e Trindade" implica uma associação dos dois Testamentos.

20 Expectativa mal disfarçada no incontornável e célebre moto "Depois de vós [Avis], nós [os Bragança]".

21 Sobre a importância de Elias e sua conotação com o Baptista, cf. *Octógono* n.8 / Outubro de 2024 – "O Escadório do Real Edifício de Mafra", pp.4-6. V. igualmente a observação complementar *in* Octógono n.11 / Janeiro de 2025 – "O ouro de Quíloa segundo Gil Vicente", p.13. A propósito do carro de fogo e da analogia com os triunfadores romanos, compare-se com o desenho a guache *Apoteose de Lord Wellington*, por Domingos António de Sequeira (MNAA).

Numa lógica baseada em permanentes assimilações, Nun'Álvares equivale a um inspirado general cruzadístico que, após a entronização do Mestre de Avis, herdou-lhe de algum modo o título de Defensor do Reino (≈ Condestável), cuja espada tornou-se emblema do bom comando.

A arma da virtude

Hoje patente no Museu Militar de Lisboa, a espada de Nuno Álvares Pereira fora sendo mantida no seu Convento do Carmo, onde sobreviveu ao terramoto de 1755. Confirmando o seu estatuto de relíquia, anualmente os carmelitas lisboetas faziam-na sair em procissão armando uma imagem de Elias[22].

Espada de Nun'Álvares, Museu Militar de Lisboa (foto: PMO).

Det. da parte central-inferior da lâmina.

22 Informação na legenda que acompanha a exposição da espada (ref.MML00062).

Considerando-se que as partes vazadas da lâmina se destinavam a reduzir o peso e a dar maior equilíbrio à arma, será aqui de ponderar um adicional simbólico. Assim, na parte central-inferior da lâmina, duas dessas formas vazias insinuam serpentes, reportando.-se a vitória sobre o mal e a traição[23].

De igual modo, sugere-se também a espada flamejante do guardião primordial, nomeadamente quando Deus "pôs diante do paraíso de delícias [Éden] um querubim, com uma espada de fogo" (Gen.3:24).

Luca Giordano, *Expulsão do Paraíso*, det. (foto: wikimedia.org).

Parece natural uma associação entre o querubim vigilante e o Condestável que defendeu Portugal (≈ Paraíso Terrestre, nova Terra Prometida ou País do Espírito Santo, no limite poente do mundo conhecido)[24].

23 Terão equivalência às serpentes pisadas pelo cavalo de D. José, que Machado de Castro modelou para a Praça do Comércio/Terreiro do Paço. Relativamente à espada de Nun'Álvares, porventura as duas formas referidas poderão aludir aos irmãos que alinharam no lado castelhano. Por seu turno, será ainda provável que as partes removidas da lâmina tenham sido reutilizadas em alguma relíquia subsidiária.

24 No portal meridional dos Jerónimos, a estátua do cavaleiro no mainel parece desempenhar a mesma função; cf. *Octógono* n.2 / Abril de 2024 – "o dinâmico claustro dos Jerónimos", p.3; sobre a natureza polissémica desta escultura, v. *A Estátua do Infante-Cruzado D. Henrique*, 2014 [*online*].

Lógica similar parece encontrar-se no Algarve, em concreto na igreja de Nossa Senhora do Carmo, em Faro. Aqui, à dextra da respectiva capela-mor, Elias é sugestivo do próprio Nuno Álvares Pereira, ao qual era reforçado um cariz místico, equivalente a uma canonização informal[25]; (relativamente à dita associação, comparar as feições da escultura com a "figura do conde estabre, ao natural, quando estava em religiam, no Carmo de Lixboa, onde iaz"[26], e com outras representações coincidentes, e.g. tecto do Paço Ducal de Vila Viçosa, réplica do túmulo no Convento do Carmo, iluminura do Cabido da Sé de Évora, etc.).

Estátua do profeta Elias (≈ Sto. Condestável)
Igreja de N. Senhora do Carmo, Faro
(foto: PMO)

Com uma das mãos, este "Elias" segura uma casa religiosa, simbolizando o Condestável enquanto fundador do grande convento em Lisboa (a principal referência dos carmelitas portugueses), sendo que esse edifício também parece simbolizar o País cuja soberania Nun'Álvares defendera com a espada (*Lus.*IV:19).

25 Sobre um artifício similar, que "canonizou" D. Fernando de Avis por assimilação a S. Vicente, cf. *Os Painéis de Avis*, 2011 [*online* na edição agregada *A Janela de Tomar e os Painéis de Avis*].

26 Publicada in *D. Nuno Álvares Pereira – Crónica do Condestável de Portugal* (*Coronica do Condestabre*), Ed. QuidNovi e APH, Matosinhos, 2011, *fac-símile* na parte introdutória entre as pp.LXIV e LXV.

A lâmina ondulada tanto reporta uma serpente vencida como a lâmina flamejante do querubim guardião. O mesmo princípio observa-se noutras armas cerimoniais de figuras também particularmente prestigiadas e cruzadísticas (≈ Defensores com um prestígio implícito ou explícito de vice-reis)[27].

Montante cerimonial de Vasco da Gama, Museu Militar de Lisboa (foto: PMO).

Montante cerimonial do Infante D. Henrique (réplica), Museu Militar de Lisboa (foto: PMO).

Estas espadas cerimoniais de grande dimensão eram símbolos de liderança e comando militar, como se observa por exemplo nas tapeçarias de D. João de Castro (hoje em Viena), concretamente no último pano relativo à entrada triunfal em Goa, enquadrada por danças e folias[28].

Tratando-se de montantes, eram versões de armas de guerra e também de caça, sendo que o abate de animais como ursos, porcos selvagens ou javalis alegorizava a vitória sobre o diabo, o que era realçado pela evidente forma cruciforme destas peças (≈ cruz-espada de Santiago)[29].

27 Tendo participado na conquista de Ceuta em 1415, a Nun'Álvares foi oferecido o comando da praça (cargo equivalente a um primeiro esboço de vice-rei do Ultramar. Tendo o Condestável declinado, a função caberia a D. Pedro de Meneses, sendo que depois o infante D. Henrique alargaria o conceito.

28 Sobre as tapeçarias, v. *Oceanos*, n.13, CNCDP, Lisboa, 1993, pp.82-107.

29 Sobre a configuração e sentido cristológico destas armas, é particularmente expressiva a espada sobre a mártir Sta. Catarina, numa pintura de Gaudenzio Ferrari actualmente exposta na Pinacoteca de Brera, em Milão [*online*].

A propósito, note-se que a espada de Nuno Álvares Pereira era originalmente maior[30], próxima de um montante, o que realçava o estatuto de comando abençoado (≈ estandarte da Fé). Não obstante a redução, a arma permaneceu impactante e porventura influenciou Fernando Pessoa quando, na *Mensagem* e a respeito do Condestável, aludiu à espada de luz, como se fora uma tocha para guiar o País por entre a escuridão.

Ou seja, a redução geral da espada era compensada pelos antigos vazamentos, que também se observam na parte superior da lâmina, autonomizando aqui três partes que interpretam a dinâmica do bem e do mal sobre a alma humana.

Det. da parte superior da espada de Nun'Álvares.

Neste segmento da espada, um coração verdadeiro e outro invertido convergem como setas sobre a trémula alma humana, condicionada por estas duas forças opostas (≈ disputa entre S. Miguel e o diabo pelo corpo de Moisés, Jd.1:9).

Deste modo, a composição antecipa os escritos de Giovanni Pico della Mirandola, que várias décadas volvidas descreverá o ser humano "como obra de natureza indefinida", situando-se "no meio do mundo" e onde lembra um camaleão, já que pode deixar-se levar pelos demoníacos impulsos sensoriais e descer ao nível dos meros animais, ou antes aproveitar a Razão dada por Deus e ser como os verdadeiros anjos[31].

30 Como se refere na legenda explicativa do Museu, a redução da espada visou associá-la à estátua lisboeta de Elias.
31 Giovanni Pico della MIRANDOLA, *Discurso sobre a Dignidade do Homem*, Edições 70, Lisboa, 1989, pp.51-53.

A espada alude portanto à dimensão falível de Nun'Alvares, lembrando-lhe a ameaça constante do mal e das serpentes tentadoras que o Condestável tem permanentemente de vencer, uma a seguir à outra – missão espinhosa dada por Deus, para bem do próprio general-profeta, mas também em benefício do seu Rei, País e Fé.

Assim decorreu a maior parte da sua vida adulta, mas em determinado momento ser-lhe-ia permitido pousar a espada e dedicar-se ao espírito.

A metamorfose em Frei Nuno de Santa Maria

Na produção cultural realçam-se personagens que são paradigmas da Vida Activa, enquanto outros exemplificam a Vida Contemplativa, e ainda uns poucos que reúnem ambas as facetas. Nuno Álvares Pereira é um destes raros casos de efectivo estatuto quer no domínio político-militar, quer no da piedosa vida conventual e mendicante[32].

Na tradição das grandes lendas medievais, o velho Condestável encontrara o seu prémio num resto de vida dedicado à beatitude, demonstrando como a guerra justa servia para alcançar a paz de espírito – antecâmara da Salvação. E Nun'Álvares fez-se emblema disso mesmo: um cruzado de armas tornado em cruzado espiritual[33], numa complementaridade que no passado já levara os Templários a elegerem João Baptista como seu patrono[34].

Paralelamente, e também durante as Cruzadas, esta lógica levara à fundação na Terra Santa da Ordem dos Carmelitas, instituída no Monte do Carmo (original) e sob a égide de Elias, o antigo equivalente de João Baptista.

Determinado e quando necessário truculento, Elias fora também um eremita (aliás, talvez o eremita primordial), refugiando-se do contacto humano e sendo miraculosamente alimentado por corvos e anjos[35], tal como depois se verificaria com alguns dos primeiros santos cristãos que procurariam o deserto, casos de S. Paulo o Eremita, Sto. Antão e Sto. Onofre[36].

Também neste aspecto eram evidentes os nexos entre Elias e João Baptista – a voz que clama no deserto (Jo.1:23) – notando Tiago de Voragine ainda semelhanças na austera alimentação e vestuário[37].

32 Por exemplo, Afonso V de Portugal e Carlos V Habsburgo foram duas figuras que em dado momento deixaram a política dos Homens para se recolherem em casas religiosas, mas sem se aproximarem da prestigiosa síntese de Nun'Álvares.

33 É aplicável a designação de cruzado, uma vez que a crise de 1383-85 foi igualmente um combate aos hereges cismáticos de Avinhão. Além disso, a participação de Nun'Álvares na campanha de 1415 integrou-o no conceito clássico de luta contra os infiéis muçulmanos.

34 Tal memória manteve-se com recriação da Ordem do Templo enquanto Ordem de Cristo (cf. *Octógono* n.10 / Dezembro de 2024 – "O simbolismo da Charola de Tomar", pp.17, 19-28.

35 Cf. na *Vulgata* IIIRs[2Rs].17:2-6; 19:4-15.

36 Cf. Jorge Campos TAVARES, *Dicionário de Santos*, Lello Editores, Porto 2001, pp.116, 120, 191.

37 Tiago de VORAGINE, *La Leyenda Dorada*, vol.I, Alianza Editorial, Madrid, 1999, pp.335-336.

Enfim, "sendo o condestabre em idade de lxii anos e sentindo já que a fraqueza se asenhorava dele e em como, a Deos graças, el rei tinha sua terra [o Reino] em bom asessego […], apartou-se a servir Deos em estado de pobre, em Sancta Maria do Carmo, da cidade de Lixboa, que ele mandara fazer"[38].

Dissipando-se a fortaleza do corpo que lhe permitira ser um paternal Defensor, continuava todavia incansável, agora distinguindo-se de entre os fracos aos quais servia, numa maternal causa Mariana que o levou a adoptar o nome de Frei Nuno de Santa Maria.

A parte final da sua *Crónica* retrata este prestigiado eremita-interventivo, que observava a castidade e declarava-se humilde vestindo uma simples "çamarra de pano de Gales"[39]. Ao mesmo tempo que cumpria sistemáticas orações e jejuns, doava alimentos, roupas, dinheiro e bens diversos, mandando que se assistissem mesmo as famílias castelhanas que por miséria tivessem atravessado a fronteira[40].

O novo papel de Nun'Álvares era resultado natural de um plano divino há muito traçado, e do qual foram surgindo indícios premonitórios, como o escrúpulo em realçar o nome da Mãe de Deus nos templos fundados pelo Condestável, incluindo o já mencionado em Aljubarrota, "á honra de Santa Maria e de São Jorge", ou o complexo de "Santa Maria do Carmo dentro na cidade de Lisboa", mas também as igrejas de Santa Maria de Vila Viçosa, Santa Maria de Monsaraz, Santa Maria de Portel e Santa Maria de Sousel – i.e. as zonas onde mais se distinguira esse cavaleiro-guardião de espada flamejante[41].

Uma das virtudes mais realçadas em Nun'Álvares é a da castidade, indicativa de uma natureza impoluta – ele que em todo o caso fora pai e tivera o desgosto de sepultar a filha única (≈ cordeiro trágico). Ou seja, Frei Nuno de Santa Maria é não apenas uma homenagem à Virgem, mas também um seu reflexo em versão masculina.

Trata-se aqui de um conceito essencial na elaboração das crónicas biográficas medievais, em que factos verdadeiros (ou nem por isso) eram compostos de modo a sugerir que determinada pessoa evoca uma figura mais antiga, implicando obviamente conotações que ultrapassam a mera coincidência circunstancial. Um exemplo é a crónica onde Frei João Álvares registou a vida e as provações de D. Fernando de Avis – o filho mais novo de D. João I e mais conhecido por Infante Santo. Trata-se de um autêntico evangelho onde o mártir de Marrocos é retratado enquanto versão lusa de Jesus Cristo[42].

38 *D. Nuno Álvares Pereira – Crónica do Condestável de Portugal* (*Coronica do Condestabre*), cap.LXXIX, Ed. QuidNovi e APH, Matosinhos, 2011, p.238.

39 Porventura em simbólica ligação britânica a Galahad e S. Jorge (sendo ainda o dragão o símbolo do País de Gales).

40 *D. Nuno Álvares Pereira – Crónica do Condestável de Portugal* (*Coronica do Condestabre*), cap.LXXX, Ed. QuidNovi e APH, Matosinhos, 2011, pp.240-246.

41 *Idem*, cap.LXXX, p.241. Imediatamente os descendentes Bragança irão fazer do Alentejo oriental a sua sede de poder, afirmando-se simbolicamente como os fronteiros ou defensores do Reino. Isso poderá ter contribuído para que, em resposta, os primos ainda reinantes tenham feito de Évora uma segunda capital portuguesa.

42 Cf. *Os Painéis de Avis*, 2011, pp.34-35; na edição conjunta *A Janela de Tomar e os Painéis de Avis*, cf. pp.80-82 [*online*]; v. também *Octógono* n.6 / Agosto de 2024 – "As estátuas Fernandina e Vicentina de Nicolau Chanterene".

Efeito similar pode ser observado em passagens quer da *Crónica do Condestável*, quer da célebre biografia de D. João I escrita por Fernão Lopes, onde largos trechos são na verdade dedicados ao general do rei. Um episódio bem conhecido, e que merece reenquadramento alegórico, é o inusitado diálogo entre Nun'Álvares e um alfageme que se dispensava de receber pelo seu trabalho até que ao ilustre cliente fosse outorgado o título de Conde de Ourém[43].

Note-se que nada aqui é historicamente improvável. Em 1383 despoletava a crise sucessória do trono português, estando o referido Condado atribuído ao impopular João Fernandes Andeiro, favorito da rainha-viúva D. Leonor Teles. Não estranhará pois haver quem antevisse a supressão do galego e outorga do senhorio de Ourém a um partidário do Mestre de Avis, constituindo Nuno Álvares Pereira a possibilidade mais expectável.

O que parece surpreendente é o interesse das crónicas no episódio do alfageme, assim como o espanto e perplexidade de Nun'Álvares face ao comentário que o artífice lhe dirigiu.

Tal poderá ser explicado pela construção de jogos de espelhos, nos quais o Condestável e futuro Frei Nuno de Santa Maria se ia vendo reflectido, tornando-se ele mesmo, por sua vez, num exemplo a seguir pelas novas gerações. Assim, o episódio evoca a Anunciação, quando o Anjo diz a Maria: "Deus te salve, cheia de graça; o Senhor é contigo, bendita entre as mulheres. Ela, como o ouviu, turbou-se de seu falar, e discorria pensativa que saudação seria esta" (Lc.1:28-29).

Entenda-se, Nun'Álvares não buscava o protagonismo; pelo contrário, via-se ao serviço de um desígnio divino, cujo alcance o ultrapassava e por vezes não entendia de imediato[44].

No mesmo sentido, mais tarde e já sobre a vida no Carmo lisboeta, diz a sua *Crónica* como não consentia "que lhe chamassem outro nome se nom Nuno, por humildade"[45]. Quer isto dizer que recusava o uso aristocrático de "Dom" a que tinha direito desde que lhe fora atribuído o Condado de Ourém, num desapego que reforçaria Nun'Álvares enquanto referência para sucessivas gerações.

O conde promovido a barão

O desprendimento quanto a dignidades cortesãs e o sentido de missão foram qualidades realçadas em Nun'Álvares, sendo que, mesmo já velho e retirado, se disponibilizava a regressar às armas caso necessário, ainda mais decidido por agora melhor compreender o seu papel iluminado.

43 *D. Nuno Álvares Pereira – Crónica do Condestável de Portugal* (*Coronica do Condestabre*), cap.XVII, Ed. QuidNovi e APH, Matosinhos, 2011, p.50. Fernão LOPES, *Chronica de el-Rei D. João I*, Parte I, cap.XXXVII.

44 O modo como depois Nun'Alvares intercedeu a favor do alfageme tem igualmente diversos paralelos bíblicos, e.g. Mt.10:32, 18:12; Mc.2:13-17, etc.

45 *D. Nuno Álvares Pereira – Crónica do Condestável de Portugal* (*Coronica do Condestabre*), cap.LXXX, Ed. QuidNovi e APH, Matosinhos, 2011, p.245.

Por um lado, e tal como a intercessora Maria, Frei Nuno advogava qualquer reconciliação voluntária, mas por outro, como Elias, nunca deixara de ser verdadeiramente um Condestável que acreditava na guerra justa como forma de fazer triunfar a Paz. Ao pensamento de Nun'Álvares aplicavam-se decerto as palavras de Sto. Agostinho, que assim abria a sua grande obra de referência: "É desta Cidade da Terra que surgem os inimigos dos quais tem que ser defendida a Cidade de Deus"[46].

Será pois coerente que, para além dos acima referidos templos evocativos de Santa Maria e S. Jorge, o Condestável tenha ainda mandado erigir "a capela do moesteiro de Sancto Agostinho, de Vila Viçosa"[47], evidenciando novamente Nun'Álvares como um cruzado na nova Terra Santa – a Hespéria, i.e. o limite medieval do mundo conhecido, em cujo horizonte se põe o fogoso Sol (≈ Espírito Santo), como prenúncio do Apocalipse e do triunfo da cidade dos justos[48].

Mesmo quando parece estar retirado numa vida conventual, em Nun'Álvares continua latente o guerreiro, como um general que, na rectaguarda, administra a manutenção e logística militar, agora em favor dos pobres e necessitados – espécie de exército leigo e civil a quem é necessário prover e dar algum tipo de orientação.

Por tudo isto, Fernão Lopes apelidou Nun'Álvares de "virtuoso barão"[49], entenda-se, varão, varonil, intrépido, corajoso, incansável, apostado no mérito e não em títulos aristocráticos e hereditários.

Insistia o Cronista que "certamente elle deve ser dado como por exemplo aos grandes e virtuosos homens, nem nós não podemos contar louvor d'algum notavel barão em que elle notavelmente não haja parte"[50], pois que em Nun'Álvares "parecia que reluziam os avizados costumes dos antigos grandes barões, seus geitos e defeza"[51].

Era um espelho onde se reflectiam aqueles que tinham construído Portugal de raiz, e cujas qualidades os contemporâneos podiam agora rever no inspirado e inspirador Nuno Álvares Pereira, o qual de certo modo antecipava Joana d'Arc.

Na refundacional crise de 1383-85 o Condestável-profeta motivava o Mestre de Avis e constituía um símbolo-maior do sangue novo que regenerava o tecido nacional e suas elites, notando Fernão Lopes outros notáveis "barões", como Rui Pereira, João Rodrigues de Sá ou João das Regras[52].

---

46 Sto. AGOSTINHO, *A Cidade de Deus*, vol.I, liv.I, cap.I, FCG, Lisboa, 2021, p.99. Noutro passo, acrescentava: "As próprias guerras, portanto, são conduzidas tendo em vista a paz, mesmo por aqueles que se dedicam ao exercício da guerra, quer comandando quer combatendo. Donde se evidencia que a paz é o fim desejado da guerra" (vol.III, liv.XIX, cap.XII, p.1909).

47 *D. Nuno Álvares Pereira – Crónica do Condestável de Portugal* (*Coronica do Condestabre*), cap.LXXX, Ed. QuidNovi e APH, Matosinhos, 2011, p.241.

48 Sobre este conceito v. *A Hespéria e os Jerónimos*, 2014 [*online*]; e *Lisboa enquanto Nova Jerusalém*, 2015 [*online*].

49 Fernão LOPES, *Chronica de el-Rei D. João I*, Parte I, cap.XXXII.

50 *IDEM*, *Ibidem*, Parte I, cap.XCI.

51 IDEM, *Ibidem*, Parte I, cap.CLXXXXVIII [CLXCVIII].

52 IDEM, *Ibidem*, Parte I, caps.CXXXIII, CXXXIX, CLXXXIII.

Permanecendo um esteio moral, o exemplo de Nun'Álvares refloresceu sempre que se pretendeu dar novo alento ao país. Neste contexto, o seu protagonismo seria recuperado nos *Lusíadas* de Camões.

Se, nos primordiais tempos afonsinos, o "forte velho" Egas Moniz constituiu um "claro espelho" para os demais súbditos (*Lus*.VIII:13), essa função paternal-exemplar caberia depois ao Condestável (VIII:32), verdadeiro modelo directo para outros do seu tempo, caso do já referido Rui Pereira (VIII:34)[53], que Fernão Lopes também enaltecera.

Comparativamente, o inesperado rei D. João I tivera o seu grande barão em Nun'Alvares, ao passo que nos *Lusíadas* o improvável D. Manuel encontrou em Vasco da Gama o suporte do seu prestígio.

Estes monarcas tiveram como mérito o saber reconhecer e premiar justamente o mérito, algo que o subtil Fernão Lopes lembrava a D. Duarte, e que depois Luís de Camões, em tom classicista, recordaria a D. Sebastião.

Não obstante todas as diferenças e especificidades, a prosa do Cronista e as rimas do Poeta são na essência duas páginas de uma mesma folha.

Por aqui entende-se melhor a polissémica abertura dos *Lusíadas*: "As armas e os barões assinalados, que da ocidental praia Lusitana..." – no limite do Mundo sobressaiu não apenas a aristocracia hereditária (cujas armas figuram por exemplo na manuelina Sala dos Brasões de Sintra), mas também, e especialmente, os barões, i.e. os cavaleiros da baixa nobreza, seus escudeiros e outras figuras da chamada arraia-miúda.

Levantando-se bem acima do seu estatuto pré-convencionado, estes "barões" são parte estruturante e fulcral de todo o Poema camoniano, e a um deles – o Gama – serão reveladas as verdades superiores, alegorizadas na Máquina do Universo: "Faz-te mercê, barão, a Sapiência Suprema de, com os olhos corporais, veres o que não pode a vã ciência" (*Lus*.X:76).

Vasco da Gama, Nun'Álvares e várias outras figuras ao longos dos séculos tornaram-se espelhos, como se observa no Arco da Rua Augusta – uma homenagem ao próprio conceito de meritocracia, que o Liberalismo oitocentista julgava conseguir implantar definitivamente[54].

No entanto, sobre esses personagens torna-se particularmente difícil efectuar caracterizações objectivas, tal a mitografia que lhes está acumulada, aliás do mesmo modo que os antigos espelhos metálicos ou de vidro apenas devolviam imagens aproximadas, e não reflexos exactos.

De facto, os alegóricos e educativos "espelhos de príncipes", que se foram democratizando, baseavam-se em "reflexos" turvos, i.e. enigmas que deveriam ser descodificados para se alcançar uma mensagem essencial, sem particular apego a detalhes ou rigores históricos.

53 Rui Pereira ganhara destaque ao atacar a armada castelhana que entrara no Tejo.
54 Cf. *O Arco da Rua Augusta – Monumento do Liberalismo*, 2011 [*online*].

E por isso ao historiador resta a mesma esperança omnisciente que tinha Sto. Agostinho, quando inspirado em S. Paulo escreveu há uns mil e seiscentos anos:

> "Quando eu era criança, sentia como criança, falava como criança, raciocinava como criança; mas quando me fiz homem, pus de parte o que era próprio de criança. Agora vemos em espelho, em enigma, mas então veremos face a face. Agora conheço em parte, mas então conhecerei como sou conhecido"[55].

55 Sto. AGOSTINHO, *A Cidade de Deus*, vol.III, liv.XXII, cap.XXIX, FCG, Lisboa, 2021, p.2358.